

V O E A I  
B P L S F  
C D

H

R

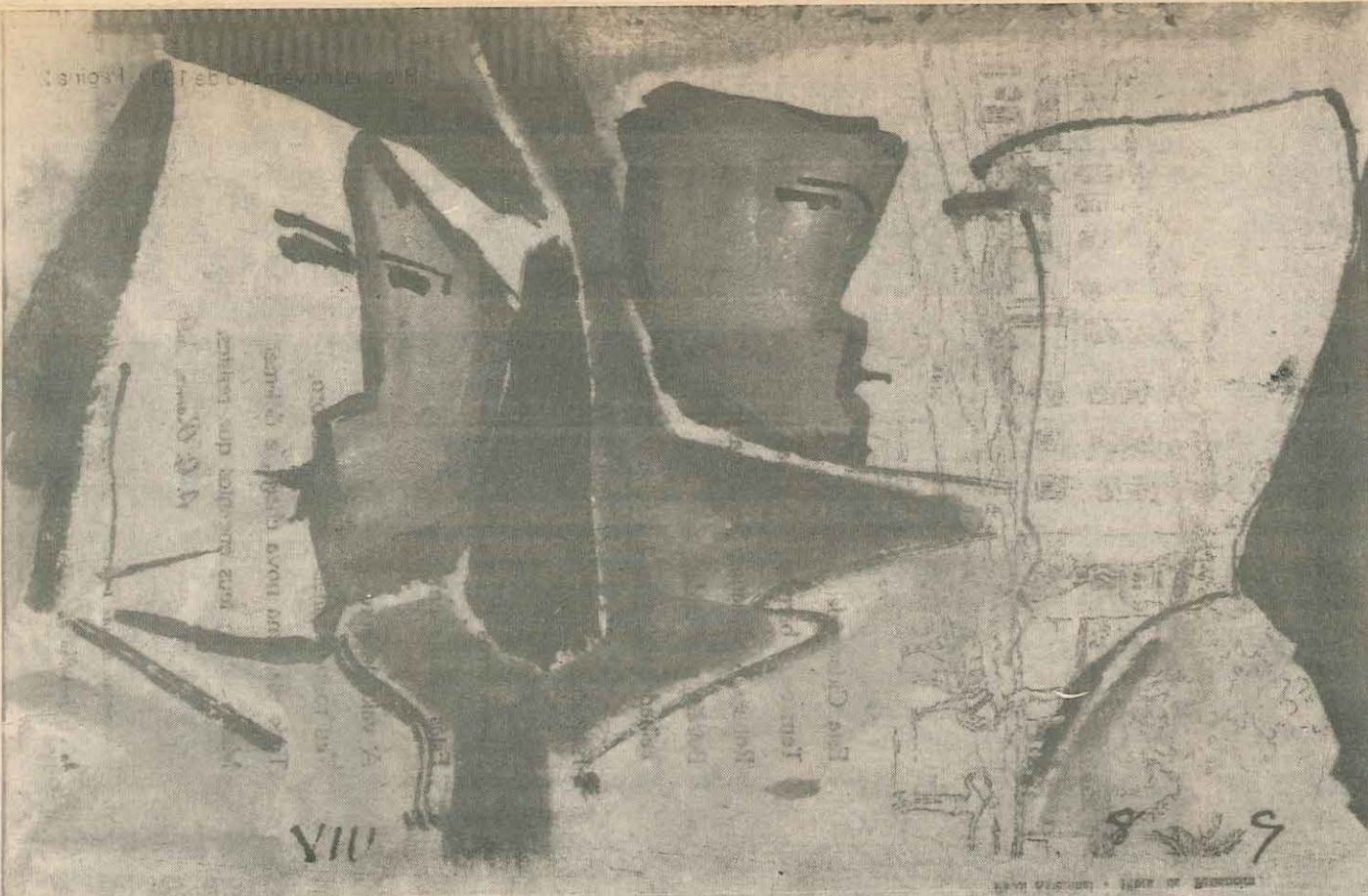
L . E . T . R . A . S

LETRAS

ANO 1 - Nº 1 Brasília, novembro de 1992



SUPLEMENTO CULTURAL DO  
DIÁRIO DA CÂMARA LEGISLATIVA



... Afinal não pretendia eu descrever de assombrações, de fantasmas, de alma penada ou não! Não costumava negar outro mundo, outra existência?! ...

# A Resplandecente Porta Verde

*Bernardo Élis, em conto inédito, rememora o tempo em que andava pelas montanhas de Pirenópolis e de Corumbá de Goiás com o intuito de adquirir uma chácara. Finalmente comprou, no Morro Grande, próximo a Pirenópolis, um sítio íngreme e belo, onde passa longas temporadas.*

**Bernardo Élis**

Academia Brasileira de Letras

Enquanto esperava encontrar chácara para comprar, eu ia lendo as maravilhosas histórias do londrino E.W.Ghoul, sempre sobre fantasmas, assombrações, almas penadas, situações misteriosamente inexplicáveis. Era meado de um dezembro chuvoso, os dias escuros, de nuvens baixas, um chuvisqueiro permanente que ora se transmudava em chuva pesada, ora uma névoa esfarrapada de mortalha que o vento carregava lenta e melancolicamente, esgarçando-a nos picos de serra ou grimpas de árvore.

Naquela tarde íamos a uma propriedade que o corretor garantia que nos iria agradar e agradar muito. Chegando ao lugar, encontramos uma casa espaçosa, não tão antiga, mas arruinada, assentada num local baixo que as terras altas de redor e a espessa vegetação circundante (e o céu cego e morto), tudo isso tornava mais lóbrega e tórva.

— Que sítio é esse? — perguntei ao descer do carro, como que o reconhecendo da infância que por ali vivi.

— Esse é o manguirão, mais conhecido por chácara do cura-

dor, mas faz parte da fazenda da Prata.

— Ah, a Prata! — exclamei, enquanto me assaltavam as mais opressivas emoções. Prata era famosa por ser tida como maldita, onde ninguém prosperava nem vivia feliz, antiga lavra de ouro riquíssima, porém de operação dificultosa, cujo trabalho fez chorar, sofrer, enfermar e matar centenas de escravos sepultados nas extensas e elevadas rumas de cascalho hoje ainda visíveis, embora disfarçadas pelas grandes e copadas árvores que tornaram a crescer sobre tais sepulturas. Todos falavam da Prata com horror e medo. E o curador? Que seria curador? Certamente algum curador de menores donos da propriedade, de alguma viúva ou incapaz juridicamente.

Na casa havia um homem, da família, que nos mostrou a chácara. Entramos pela sala da frente com móveis estragados de enfatuado ar urbano, seguimos por um corredor cujo fim dava para fora, mas no meio do percurso do corredor entramos na cozinha ampla, da qual saímos por uma porta de uma cor verde extravagante, de um brilho intenso como se fora recém-pintada. Aí chegávamos ao

pátio, onde se assentavam solidamente estabelecidas algumas enormes mangueiras, de longos e robustos galhos esparramados, agarradas ao solo por raízes que avançavam terreno a fora, quase descobertas de terra, feito cobras ou feito dedos esqueléticos, num gesto ansioso de quem pretendia alcançar algo que fugia.

Fora do sombrio das frondes abria-se o bocejo de uma cisterna inusitadamente grande, as grossas bordas feitas de pedras enfeitadas por verdes avencas e begônias ou plantas próprias de locais úmidos. Desse poço, pelo lançante, o chão era molhado por efeito de algum vazamento d'água.

Sáimos minha mulher, eu, o corretor de imóveis com o vigia à frente para ver os arredores, arrostando o mau tempo e a lama. Depois de um pequeno quintal de café veio o cerrado no seu angustiante estertor de troncos e galhos retorcidos em desespero, macabra legião de Laocóontes vegetais e suas serpentes. Conservara-se a flora nativa, da qual sobressaiam pequizeiros, pau-terra de folha miúda, lixeira, mangabeira, pau-santo, bate-caixa, pau-de-colher-de-vaqueiro, bolsa de

pastor. Os tucaneiros, angicos, pau d'óleo e outras espécies mais altaneiras adensavam-se na medida que se aproximava do curso cascadeante do rio da Prata que corria entre poços e meandros formados pelos montões de cascalhos lavados pelos Bandeirantes havia mais de dois séculos, por cima dos quais o mato se recomposera.

Aqui, senti-me cansado, uma canseira que me avassalava o entendimento, as carnes doendo de fadiga e enregeladas pela água desprendida das folhas da vegetação. Resolvi voltar para casa, ali esperaria pelos outros que prosseguiram na inspeção.

E foi arrastando-me que penosamente venci o extenso aclive que ia dar no poço, donde certamente vinha aquela água que ensojava a ladeira e atrapalhava meus passos trôpegos. De repente esbarrei na cerca de arame farpado que vedava o pátio e num susto divisei as longas e grossas raízes que velozmente pareciam correr sobre mim, agressivamente, perigosamente, à sombra verdolenga que banhava o pátio de ruínas, num antigo abandono de crianças brincando, casais se abraçando, a melancolia embaçada do passado e do presente

misturados. A paisagem ondulava mornamente como imagens refletidas em espelho não plano. No fundo da casa de paredes descascadas e enegrecidas resplandecia o verdor da porta que cintilava como se possuísse sua própria luz. Resolvi transpor a cerca, mas ao fazê-lo, cansado como estava, minha meia engarranchou numa das farpas do arame e eu me assentei no chão para desembaraçá-la.

Nessa posição senti alguma coisa estranha, assim como uma tênue sombra se projetasse sobre mim, causada talvez por um ser humano que curvasse sobre minha cabeça; ao mesmo tempo sentia um bafo, um rescaldo, uma emanção quente tal qual se fosse de um corpo animal suarento próximo de minhas costas. Instintivamente virei-me para trás na certeza de enxergar firme no solo úmido e fofo dois pés e duas pernas humanas sustentando um corpo cansado e pingando suor, mas na verdade o que via eram as raízes que lá vinham em disparada rumo a mim, que ameaçavam agarrar-me, enlear-me, talvez estrangulá-lo. Seguindo-as com o olhar num relance divisei os suberosos e coscorentos troncos de mangueira, as cercas em ruínas, as paredes monstruosas de

lor e de feridas nojentas, o fundo da cozinha e lá a odiosa porta verde iluminada de ofuscante luz cintilante, porta que se escancarava e novamente se fechava violentamente nos quícios e gonzos enferrujados.

Seria o vento? Seria um volume, uma pessoa, um animal que por ali entrara nesse momento? Senti o sangue fugir, a pele e os pelos arrepiar, uma secura na boca, tive ímpeto de afastar-me dali correndo apesar da fadiga, mas a razão acudiu-me em tempo. Afinal, não pretendia eu descrever de assombrações, de fantasmas, de alma penada ou não! Não costumava negar outro mundo, outra existência?!

Cautelosamente avancei para a casa, abri a porta cujo verde já não era tão cintilante, entrei na cozinha, segui pelo corredor e fui assentar-me na sala mobiliada com enfatuado gosto urbano, mais calmo, relaxado, momento em que na minha frente, no fim do extenso corredor, na porta que dava para

fora, apareceu um vulto, longo espectro flutuante, silhueta recortada no retângulo claro da porta e para quem gritei aflitivamente:

— Quem é você, diga quem é você!

Aproximou-se o vulto que disse ser o irmão do vigia da casa, naquele tom indeciso que sabem assumir os roceiros. Era o irmão do vigia, tinha chegado naquele preciso instante e deixara a bicicleta ali na frente da casa, como se podia ver da sala. Chegara na roça onde capinava e tinha que ir imediatamente para a cidade, tomar o ônibus que passava àquela hora.

— Que horas tem o senhor aí no seu relógio?

Maquinalmente olhei meio estupefato o relógio e repondi.

— Tenho que ir já, — disse ele — Só quero que diga a meu irmão que a mãe lhe mandou dizer para não dormir sozinho

aqui. É perigoso, é muito perigoso.

— Mas venha cá — pedi — Diga-me, você não estava ainda agora aí no quintal, não se aproximou de mim e entrou correndo na cozinha?

Um grande espanto, misto de medo e horror, estampou-se na cara do chegante que gaguejou, tossiu e enquanto se afastava ia afirmando que nunca estivera no quintal, que chegara naquele momento e que pela primeira vez na vida estava me vendo. Quando quis saber mais, vi-o na bicicleta, voando por entre o capinzal, rumo à cidade. Também nesse passo chegava minha mulher e os dois acompanhantes. A noite caía assim num repente e minha mulher pedia que partíssemos antes que tombasse a grande tribuzana com que nos ameaçavam as grossas e baixas nuvens que se esfiapavam pelas serras adjacentes como se fossem mortalhas penduradas, silentes e resignadas.

— Você vai ou fica? — perguntou minha mulher ao vigia.

— Vou, sim senhora — respondeu ele sem pestanejar. Minha mãe não gosta que a gente fique aqui sozinho, mesmo que seja de dia. É perigoso, é muito perigoso.

Novamente senti o corpo arrepiar. Eram as mesmas palavras ditas pelo irmão do vigia e que eu não lhe transmitira. Já dentro do automóvel, rolando rumo à cidade na paisagem neutra da noite que chegava e das chuvas que começavam, minha mulher ao meu lado virou-se para trás onde ia sentado o vigia e perguntou quem era esse tão famoso curador: — Seria curador de ausentes, seria curador de incapazes? Seria uma pessoa mandada pelo juiz?

— Não. Não senhora, é curador de coisa mal feita, ele sabia espantar os espíritos maus e os fantasmas. Alguns diziam que era feiticeiro e que matou muita gente e atirou naquela cisterna.

A chuva engrossou, com raios e trovões ininterruptos, a noite só deixou a faixa de luz que os

faróis do carro projetavam e o guia terminou soturnamente: — Um dia o mataram também e também o jogaram naquele poço de boca tão grande.

No aconchego morno do quarto, entre lençóis e cobertores sensuais, ouvindo a melodia da chuva que estalava nas pedras do calçamento, lá fora na rua, tendo ao meu lado a mulher que dorme sossegadamente seu profundo e silencioso sono de justo, entre um e outro cochilão preguiçoso, eu acabava de ler mais um conto terrível desse terrível mister E.W. Ghoul. E entre dormindo e acordado, mais para lá do que pra cá, uma idéia lerda me zumbia revolteante na cabeça: teria existido a chácara do curador ou tudo não passava de reminiscências dos integrantes contos do Londrino distante!

\* Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, 77 anos, é natural de Corumbá de Goiás e membro da Academia Brasileira de Letras.  
Endereço para correspondência: Rua C — 237  
Nº 189 — Jardim América — Goiânia-GO.